



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FORMAÇÃO LEITORA DE SURDOS: UMA ANÁLISE DAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES, DO LIVRO “IDEIAS PARA ENSINAR PORTUGUÊS PARA ALUNOS SURDOS”

José Marcos Rosendo de Souza; Izaías Serafim de Lima Neto; Flávia Meira dos Santos;
Mayrla Ferreira da Silva

*Universidade Estadual da Paraíba – Email: mark_city@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba –
Email: izaiasserafimneto@outlook.com; Universidade Estadual da Paraíba – Email:
flavinhaasantos20@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – Email: mayrlaf.silva2@gmail.com*

Resumo

Muito se tem discutido sobre as metodologias e atividades que primam pela formação leitora de indivíduos, principalmente quando essas estão relacionadas ao ensino e aprendizagem de alunos com surdez. Por isso, propomo-nos, nesse artigo, analisar sugestões de atividades para a formação leitora de Surdos, dispostas no livro *Ideias para ensinar português para alunos surdos*, das autoras Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmiedt (2006). Justificamos a escolha pela temática da formação leitora de Surdos por essa apresentar tanto relevância social quanto acadêmica e por ser constante a presença de alunos surdos no processo de escolarização. E para alcançar o objetivo proposto, optamos por uma pesquisa bibliográfica, tendo vista que utilizamos Soares (2012), Koch e Elias (2012), Souza (2015) e dentre outros; e uma pesquisa documental, pois nosso corpus, de certo modo, é um manual. Esperamos que nosso artigo suscite o interesse na área da formação leitora de alunos Surdos e mostre quais atividades propiciam a formação leitora na perspectiva do letramento.

Palavras-chave: Formação Leitora; atividades; Surdos.

INTRODUÇÃO

As discussões na área da formação leitora são fecundas em decorrência, principalmente, dos estudos linguísticos, os quais se referem à compreensão da língua a partir dos modelos estruturalistas, gerativistas e do dialogismo. Nesse interim, as práticas de formação leitora advêm das concepções que se tem da língua e do tipo ensino provenientes dessas concepções.

Em decorrência disso, são criadas metodologias e atividades que primam pela formação leitora dos alunos, que ora os aproxima da língua enquanto objeto estático, ora os possibilita interagir em diferentes contextos. No entanto, o esperado dessa formação é que ela possibilite o uso da língua em uma perspectiva de letramento, pelo qual os alunos estariam aptos a interagir em qualquer contexto comunicativo.

E não deve ser diferente para formação leitora de alunos Surdos, pois esses também farão uso da língua em diferentes contextos comunicativos. O que deve diferir são as metodologias e atividades, pois essas devem possibilitar o acesso tanto a Língua de Sinais, quanto a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Então, a partir disso, intentamos nesse



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

artigo analisar sugestões de atividades para a formação leitora de Surdos, dispostas no livro *Ideias para ensinar português para alunos surdos*, das autoras Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmiedt.

Escolhemos a temática da formação leitora de Surdos por essa ser relevante tanto socialmente quanto na academia e pelos alunos surdos se fazerem cada vez mais presentes nos contextos de escolarização. Então, esperamos que nosso artigo exponha quais as atividades que podem possibilitar o desenvolvimento ou inclusão dos Surdos no processo de Formação Leitora, numa perspectiva de letramento.

METODOLOGIA

Para alcançarmos o objetivo proposto, optamos por uma pesquisa bibliográfica, pela qual selecionamos a fundamentação teórica que sustentou esse trabalho. Sendo assim, lemos os pressupostos teóricos de: Soares (2012), Koch e Elias (2012), Souza (2015) e dentre outros, os quais trazem discussões acerca do letramento, das concepções leitura (formação leitora) e letramento de Surdos. Além disso, fizemos uma pesquisa documental, pois nosso corpus, de certo modo, pode ser visto como um manual didático por conter atividades que podem ser utilizadas para o ensino de Língua Portuguesa para Surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como salientamos inicialmente, as práticas de formação leitora são oriundas das concepções que se têm da língua e de seu ensino. Então, para compreendermos essas concepções e posteriormente as práticas (nas atividades que foram analisadas) partimos das áreas de estudos da linguística, mais especificamente do estruturalismo, gerativismo e dialogismo, as quais podem consolidar práticas de ensino de língua e porventura práticas de formação leitora, que ora divergem, ora se aproximam da perspectiva de letramento.

A primeira concepção, pautada no modelo estruturalista, toma a língua como objeto estático e a mais pura representação do mundo e do pensamento humano. Koch (2010, p. 07) ao se referir a essa concepção, a define como: “[...] o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar (= refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo”.

A partir dessa concepção foram propagadas práticas e metodologias que centram a aprendizagem da língua na prescrição (TRAVAGLIA,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

2006), isto é, ao seguir o modelo prescritivo do ensino de língua acabamos por unilateralizar as dimensões semânticas do sentido expresso pelas palavras, pois seu significado é restrito ao dicionário. Em um mesmo patamar de ensino e aprendizagem da língua, essa é vista como invólucro da gramática normativa, pela qual o leitor tem acesso aos modelos de como escrever certo ou errado.

Dentro desse patamar, a formação leitora não se distancia da língua enquanto estrutura, pois as atividades de formar leitores são pautadas na decodificação das letras que compõem a palavra, mais especificamente no decifrar e combinar o código linguístico, isto é, aprender a ler parte do princípio de que é necessário “saber” os sons e de que forma eles se articulam para formar as palavras.

Antunes (2003) caracteriza essas atividades como: decodificação da escrita, sem interação, sem interesse, sem função, desvinculada de uma realidade, puramente escolar, sem gosto, atividade pela qual a interpretação limita-se a extração de informações, atividade incapaz de desenvolver a compreensão e uma atividade de aprender palavras. A partir desses exemplos de atividades de formação leitora, é possível inferirmos que a leitura tem a função de levar o leitor a se apropriar do léxico da língua.

A partir disso, como primeiro resultado encontrado com nossa análise, percebemos que algumas atividades do livro *Ideias para ensinar português para alunos Surdos* parte desse princípio e caráter formador, isto é, para que o aluno Surdo saiba ler é preciso dominar as palavras do léxico da Língua Portuguesa, conforme o modelo de atividade apresentado a seguir:

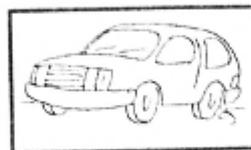
Imagem 1: Atividade Prescritiva

● Mesa 6 – Atividade lúdica:

Jogo de memória sobre o tema (sinal-palavra ou figura-palavra), que pode ser em duplas ou em trios.

Cada criança anota os pares de meios de transporte que conseguir encontrar.

Material: um jogo de memória sobre os meios de transporte, de preferência confeccionado anteriormente pelas próprias crianças, cartões e lápis para que elas registrem seus pares.



CARRO



Fonte: Quadros e Schmiedt (2006)



É perceptível que esse modelo de atividade prima pela o domínio e memorização, pois o aluno exercitará quais Sinais correspondem a determinadas palavras. Com relação a esse modelo de atividade é possível perceber que a formação leitora do aluno Surdo estará limitada a memorização do léxico da Língua Portuguesa.

Assim, essa proposta de atividade restringe a leitura à memorização das palavras e Sinais, e conseqüentemente não permitirá que o aluno faça fruir o sentido daquilo que foi lido. Então, convém levarmos em consideração a perspectiva de que isso é uma prática de decodificação, ou:

Por essa prática monológica, o leitor aprende a decifrar incessantemente as palavras até que essas estejam tecidas entre si, amarradas em sua memória, prontas para o uso. De fio em fio, de palavra em palavra, o leitor tece o texto, até que lhe faça o sentido, pois se o foco são as palavras, somente essas construíram o tecido semântico (SOUZA; COSTA; SAMPAIO, 2016, p. 551).

Esse princípio de formação leitora está na base da alfabetização enquanto processo de letramento, isto é, a alfabetização é compreendida enquanto processo de letramento, pois através dessa o aluno poderá desenvolver as competências da leitura e da escrita, mesmo que seja numa perspectiva de memorização.

Situada a primeira concepção de língua, ensino e formação leitora decorrentes dela, passemos agora a segunda concepção, que é pautada nos princípios do gerativismo, isto é, a língua é um objeto inerente à comunicação humana. Ou, de acordo com Koch (2010, p. 7) “[...] considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens”.

A partir dessa perspectiva, passamos a perceber a língua como objeto utilizado para que a comunicação se efetive, ou seja, a função da língua, por essa ótica, é restrita ao uso feito pelos falantes. No entanto, é necessário que eles partilhem o mesmo código para que se efetive a comunicação. Essa concepção quando atrelada ao ensino de língua é denominado de ensino descritivo, pois tem como finalidade apresentar a estrutura e funcionamento da língua, isso de acordo com os postulados travaglianos.

Acerca das práticas de formação leitora a partir dessa concepção de língua, é necessário levarmos em consideração o que afirmam Souza, Costa e Sampaio (2016, p. 552):



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Essas práticas [...] entrelaçam-se aos ritos de escolarização da palavra: o corte, a separação e o encaixar, isto é, o corte – os fios são cortados do tecido da realidade como se o significar independesse da trama contextual; a separação – por ela isolam-se os fios; o encaixar – extrai-se a profundidade e a força, pelas quais se firmam os nós do significar.

Podemos compreender que essas práticas limitam o leitor ao texto, logo, ler destina-se a extrair as informações que se encontram na superfície textual, como se ler fosse cortar, separar e encaixar as informações que estão superficialmente apresentadas no texto. Esse tipo de atividade impede que se desenvolva a ação de interpretar, ou compreender o não dito. Diferentemente disso, a formação leitora deveria possibilitar encontrar o sentido contido no interior do texto. Para esse tipo de prática que prima pela extração de informações, nossa pesquisa permitiu identificar a seguinte atividade:

Figura 2: Atividade descritiva

• Mesa 3 – Atividade de leitura e interpretação escrita:

Ler um texto com atenção e responder.

Material: um texto, sobre o tema, todo ilustrado que a criança consiga compreender sozinha ou um texto mais elaborado que o professor queira trabalhar e, para tanto, ficará nesta mesa com todos que por ela passarem; folhas com as perguntas de interpretação para cada uma das crianças, lápis e borracha. Sugestão para última pergunta – "O que você acha que aconteceu depois?"

Uma variação desta atividade seria apresentar somente a gravura para ser observada, com as perguntas de interpretação escrita:



Atividade:

Pense e responda no caderno:

1. Que meios de transporte você vê?
2. Quantos meios de transporte você vê?
3. O que tem mais: caminhões ou carros?
4. Quantas bicicletas tem?
5. O que tem menos: caminhões ou motos?
6. Quantas pessoas você vê?
7. Nesta cidade tem livreria?
() Sim () Não
8. Escreva 5 meios de transporte que você não vê nesta cidade.
9. O que os homens estão fazendo na fábrica SÓ TOMATE S.A.?
- 10 O que os homens fazem na padaria?

Fonte: Quadros e Schmiedt (2006)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A atividade proposta pelas autoras tem como principal objetivo responder a um questionário com base no texto (imagético). É possível perceber que esse modelo prima pela extração de algumas informações contidas na imagem, as quais restringem o olhar do leitor e que, talvez, sejam irrelevantes para alguém que está em processo de formação.

A terceira e última concepção de língua e da qual decorrem os princípios da formação leitora que são pertinentes aos Surdos, é a língua enquanto processo de interação. Nessa concepção, de acordo com Travaglia (2006, p. 23):

[...] o que indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). [A língua] é pois lugar de interação humana, de locutores, em uma dada situação de comunicação em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Afirmamos que essa concepção é relevante para o processo de formação leitora de Surdos, por considerar as múltiplas possibilidades de uso da língua, distanciando-nos daquelas que a restringem ao código ou a (de)codificação através da escrita. A perspectiva de ensino de língua e conseqüentemente as práticas leitoras que delas decorrem, sob um viés travagliano, são aquelas que remetem à produção. E para alcançar o ensino produtivo de língua (TRAVAGLIA, 2006) se faz necessário adotar abordagens e métodos que transfigurem os postulados já apresentados em práticas produtivas, considerando a língua (sobretudo a Língua de Sinais) como o lugar de construção de sujeitos em dado evento comunicativo.

Acerca disso, Souza, Costa e Sampaio (2016, p. 553) salientam que as práticas de formação leitora são vistas enquanto práticas dialógica ou dialética, por permitir ao leitor refazer-se. Os mesmos ainda afirmam que:

[...] percebemos que a leitura nessa última perspectiva de ensino é, sobretudo, dialogicizar, fazer com que os fios do sentido fluam de outros contextos, em uma dialógica ininterrupta, pela qual a trama semântica é constantemente renovada. Então as práticas de leitura passam a significar, tendo em vista que estarão ligadas aos fios contextuais (contexto do leitor e/ou contexto de uma obra literária).

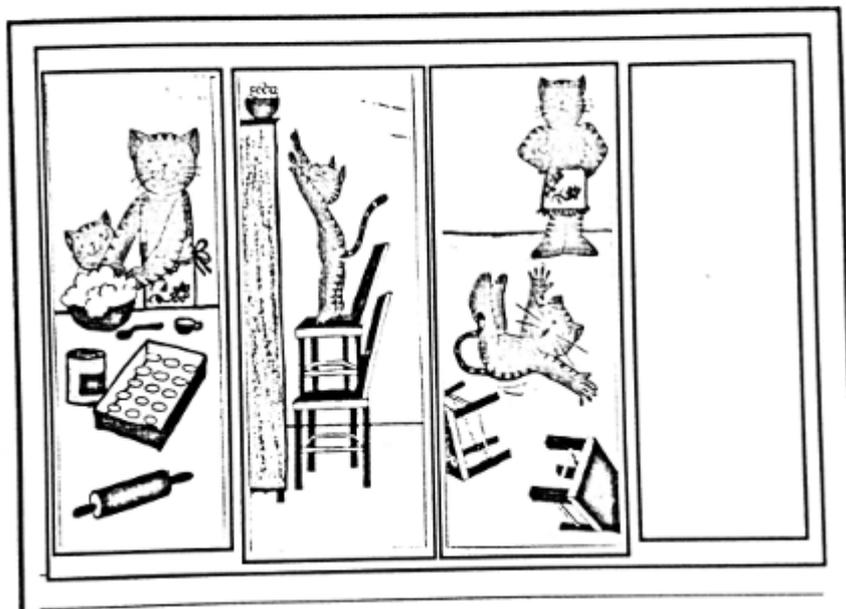
A partir das inferências feitas por Souza, Costa e Sampaio (2016), podemos deduzir que as atividades mais adequadas para formação leitora de Surdos são aquelas que primam pelo uso da Língua de Sinais, pois essa é a língua “falada” por esses indivíduos (mas, apenas aqueles que adquiriram a língua com a comunidade Surda). Ao relacionarmos essas inferências ao nosso *corpus*, identificamos a seguinte atividade:



Figura 3: Atividade Produtiva

Exemplo 3:

Criar (ou escolher) o início, meio ou final da história através de desenhos ou colagens, apresentar sua idéia ao grupo e depois redigi-la.



Fonte: Quadros e Schmiedt (2006)

Essa atividade se enquadra na perspectiva produtiva de ensino de língua e formação leitora de Surdos, pois permite que o leitor faça uso de sua língua materna, ou seja, esse modelo apresentado pelas autoras parte do princípio de usar a língua de sinais para construir uma narrativa. A narrativa produzida “oralmente” possibilita que o leitor traga à tona histórias sinalizadas, ou ideias que o retrate enquanto sujeito, colaborando para sua (re)construção enquanto Sujeito-Leitor, ou de acordo com Kleiman (2012, p. 29): “[...] ler é a atividade em que ressignificamos a palavra, apoiados na nossa experiência prévia [...]”

O livro aqui analisando apresenta múltiplas possibilidades de atividades para trabalhar a formação leitora de alunos Surdos e também o ensino da língua portuguesa. Dentre as atividades analisadas, destacamos três, as quais estão pautadas nos modelos prescritivos, descritivos e dialógicos do ensino de Língua. Com isso, entendemos que elas partem de uma concepção mais restritiva, e que com uso delas o professor possa caminhar no desenvolvimento da formação leitora, até que o aluno alcance o nível dialógico.

CONCLUSÕES



Diante das inúmeras discussões já construídas em torno da formação leitora, lançamos com esse trabalho um olhar sobre a prática de leitura direcionada para os sujeitos Surdos. Para isso, nosso intento foi analisar sugestões de atividades para a formação leitora de Surdos, dispostas no livro *Ideias para ensinar português para alunos surdos*.

Inicialmente e a partir da nossa fundamentação teórica compreendemos que as práticas de formação leitora são decorrentes da concepção de língua e de seu ensino. Nesse interim, as concepções de língua e ensino que identificamos são: língua enquanto expressão do pensamento – ensino prescritivo, língua enquanto código – ensino descritivo e língua entendida como *locus* de interação – ensino produtivo ou dialógico.

Dessas concepções decorrem as atividades de formação leitora, as quais são podem ser exemplificadas de acordo com as perspectivas do ensino de língua. As atividades pautadas no modelo prescritivo primam pelo domínio da cópia, já que essa é a única forma de expressar aquilo que foi pensado por outro indivíduo; As atividades que tem por base a descrição levam em consideração o domínio do código linguístico, logo as atividades são embasadas com a decodificação; Já aquelas que têm por finalidade alcançar o desenvolvimento comunicativo do indivíduo, têm por concepção de língua o ensino produtivo e as atividades levam em conta a produção linguística do indivíduo em qualquer esfera comunicativa ou modalidade linguística.

Assim, pudemos analisamos no nosso corpus e percebemos que as atividades (as analisadas) seguem as três perspectivas de ensino de língua, isto é, a atividade 1 (Imagem 1) segue a perspectiva do ensino prescritivo; a atividade 2 (Imagem 2) alude a concepção do ensino descritivo; e a atividade 3 (Imagem 3) tem por base o ensino produtivo. Podemos inferir com isso, que as autoras enxergam nas três concepções possibilidades para formar leitores Surdos. Concordamos com isso, no entanto, é necessário que as práticas pautadas na prescrição e descrição sejam abandonadas no decorrer do processo, para que se alcance a formação plena de um Surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. *Ideias para ensinar português a para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. *Gramática e interação, uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; COSTA, Maria da Conceição; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Surdez, reconto e formação leitora. *Cadernos de Letras UFF: A crise da leitura e a formação do leitor*. nº 52, p. 547-563, 2016.